

IMAGEM-AFECÇÃO COMO MÁQUINA DO SENSÍVEL: A POTÊNCIA DOS SIGNOS SONOROS NO CINEMA E NAS ESCOLAS

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes¹
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delbon²

Resumo: A presente imagem-texto problematiza a potência dos signos sonoros como disparadores de imagens-afecção no cinema e nas escolas. Indaga as relações entre a imagem visual e seus componentes, tomando os sons como vibrações que saem do centro da imagem visual e fazem ver, nela, algo que não aparece livremente: o corpo sensível. Toma como intercessores teóricos os escritos de Deleuze (2007) em “Cinema: a imagem-tempo” e as imagens cinematográficas do filme “O fim do recreio” para pensar os componentes sonoros como uma força de ruptura do arco sensorio-motor pela emergência de imagens-afecção como uma maquinaria do sensível. Os signos sonoros do cinema e das escolas portam, em seus ruídos, fonações, falas e músicas, o poder de vidência e de afecção, ao se transformarem em personagens da imagem que agem como um corpo estranho capaz de dar a ver e sentir o jorro do tempo em sua diferenciação.

Palavras-chave: Escola; imagem-afecção; signos sonoros.

Imagens e sons... e... quebra do arco sensorio-motor

O som da TV anuncia. A voz *off* que vai surgindo de um carro reforça a notícia. O sinal da escola convida as crianças a irem para sala... e... algumas *imagensnarrativas* se compõem como indignação. Pensou o menino: era mesmo o fim do recreio!

Um arco sensorio-motor, uma imagem-movimento se apresenta: as imagens estão sobrepostas umas às outras nesse universo material (BERGSON, 2006), e o que se sucederá de suas ações e reações? O que pode emergir em meio às imagens-clichê do filme “O fim do recreio”?

Um *delay* perceptivo individua a imagem, faz um corte provisório do plano de imanência, um enquadramento que faz surgir a imagem-sujeito no interstício, “[...] no afrouxamento que desloca e separa uma da outra, ação e reação” (SAUVAGNARGUES, 2009, p. 54).

Nesse intervalo, uma imagem-percepção se configura e omite muitas outras que não interessam naquele instante ao seu plano de composição: percepção sonora que faz vibrar os corpos e move os pensamentos.

Barulhos em forma de crianças a protestar, como brincadeiras a explodir no pátio, como mãos a se tocarem e a produzir sinfonias, cordas batendo ao chão, gritos de torcida, gritos dos números que organizam o pique-esconde, o abrir e fechar de portas pelas crianças ao procurarem esconderijo, os passos da diretora no corredor em direção a peraltices infantis e o silêncio dos corpos que não querem se pronunciar...

Dobras da vida por e nela mesma. Processos de subjetivação a eclodir entre as virtualidades de múltiplas imagens e as diferentes maneiras possíveis de atualização ou de encadeamento motriz. São dobras do tempo que formam “[...] um ponto de conversão em que a imagem-movimento dilata e faz surgir a imagem-tempo” (SAUVAGNARGUES, 2009, p. 59).

¹ Doutora em Educação. Professora da CRIARTE da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: larirodrigues22@hotmail.com.

² Doutora em Educação. Professora da Prefeitura Municipal de Vitória (SEME) e da Universidade Vila Velha (UVV), onde atua como coordenadora e professora do curso de Pedagogia e professora-pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PGSP). E-mail: taniadelboni@terra.com.br

Dobras dos sons nas imagens, dos signos sonoros encurvando-se sobre os corpos. Dobras que fazem surgir imagens-afecção, indicando “[...] o ponto onde a força se desdobra, conhece a sua variação de poder e se revela reflexiva e intensiva” (SAUVAGNARGUES, 2009, p. 60).

Poder de afetar e ser afetado. Imagens-afecção em signos sonoros que movem maquinarias do sensível. Outro tempo invade a cena, convida a ver e ouvir de outro modo. São sons do cinema e das escolas expandindo uma vida de afetos pela ruptura de uma imagem-movimento e de seu arco sensório-motor que automatiza os sentidos pelos clichês.

Imagens de um todo (absoluto) capturado pela câmera que o garoto segura convidam o extracampo dos signos sonoros a entrar na conversa, “[...] dando língua aos afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2007). Falas de crianças, voz *off*, ruídos de portas e sinais, passos no chão, corpos a procurar encontros com o outro do pensamento: pessoas, brincadeiras, músicas, danças... movimento... corpos vibráteis.

Sons que nem sempre se deixam encadear entre ações e reações não se prolongam ao longo do tempo, mas, como Deleuze (2005, p. 279) diz:

[...] o sonoro sob todas as suas formas vem povoar o extracampo da imagem visual [...]. Atesta uma potência de outra natureza, excedendo qualquer espaço e qualquer conjunto: remete desta vez ao Todo que se exprime nos conjuntos, à mudança que se exprime no movimento, à duração que se exprime no espaço [...].

Imagem-afecção e signos sonoros... componentes do Jorro do Tempo em uma vida

Para Deleuze (2005, p. 285), “Os elementos sonoros, incluindo a música e o silêncio, formam um contínuo, enquanto característica intrínseca da imagem visual”. Entretanto, mesmo que seja considerada um contínuo, a imagem sonora pode apresentar signos puros, elementos que apresentam a sua forma sem metáforas, e, assim, Deleuze considera o som como imagem sonora, ou signo sonoro.

O que constitui a imagem audiovisual é uma disjunção, uma dissociação do visual e do sonoro, ambos heurísticos, mas ao mesmo tempo uma relação incomensurável ou um ‘irracional’ que liga um ao outro, sem formarem um todo, sem se proporem o mesmo todo. É uma resistência oriunda do arruinamento do esquema sensório-motor, e que separa a imagem visual e a imagem sonora, mas integrando-as, mais ainda, numa relação não totalizável (DELEUZE, 2005, p. 303).

Uma imagem ótico-sonora pura, segundo Deleuze (2005, p. 31), “[...] é a imagem inteira e sem metáfora, que faz surgir a coisa em si mesma, literalmente, em seu excesso de horror ou de beleza, em seu caráter radical ou injustificável, pois ela não tem mais de ser ‘justificada’, como bem ou como mal”: O que interessa é perceber o imperceptível, dizer o indizível, pensar o impensável.

Perceber, dizer e pensar com o corpo vibrátil, mergulhado nas intensidades, criando movimentos do desejo. Proibido entrada... som de porta a se abrir... e o menino entra... Joga-se no que é negado, reprimido, inaceitável, num outro tempo... E a câmera passa a ser o seu corpo. Inventa pontes, para deixar o corpo vibrar. Abre-se para a vida que se cria a partir do jorro do tempo... do desdobramento, da cisão, da ruptura... Jorro do tempo em uma vida... Uma vida em jorro. Fluxo de imagens-afecção daquilo que chamamos uma vida... Vida de escola. Vida de recreio.

Os signos sonoros do cinema e das escolas portam em seus ruídos fonações, falas, músicas e silêncios, o poder de vidência e de afecção, ao se transformarem em personagens da imagem que age como um corpo estranho capaz de dar a ver e sentir o jorro do tempo em sua diferenciação.

Sons e afetos... Cinema e escolas: maquinarias do sensível

Ao entrar em relação com a câmera, o menino se abre a outras forças, a outros corpos vibráteis: coloca o pensamento em movimento em um arroubo violento, a partir do proibido: é o que o força a pensar em outra possibilidade de protestar contra o fim do recreio: “Sem algo que force a pensar, sem algo que violento o pensamento, este nada significa. Mais importante do que o pensamento é o que ‘dá a pensar’” (DELEUZE, 2003, p. 89).

Encontro de imagens, sons, afecções... A experiência sensível é provocada naquilo que afeta o menino, naquilo que implica a tentativa de captura de corpos, de sons, de vozes... O encontro do menino e a câmera afrouxa o arco sensório-motor e afirma a vida na sua potência! A vida que é a força ativa do pensamento, da criação, da invenção de novas possibilidades de vida. Encontro do cinema e a escola: daquilo que afeta e que produz maquinarias do sensível: o corpo em suas intensidades e multiplicidades.

Capoeira. Dança. Roda. Amarelinha. Sineta. Corda. Pique-esconde. Correria. Jogo do bafo. Bola. Menino elefante. Aviãozinho na sala de aula. Gritaria. Estalinho. Cambalhotas. As trajetórias dos movimentos, sons e afetos indicam aproximações e afastamento das linhas de experimentação, das sensações, das intensidades dos corpos vibráteis que se encontram, desencontram, causam ressonâncias... As diferentes sensações explodem, vibram, causam rupturas, junções, movimentam, causam mutações... Há um encontro sensível entre corpos de diferentes intensidades que possibilita novos territórios existenciais no campo do possível.

Referências

BERGSON, Henry. *O pensamento e o movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.

_____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SAUVAGNARGUES, Anne. A imagem, do arco sensório-motor à clarividência. In: FURTADO, Beatriz. (Org.). *Imagem contemporânea: cinema, TV, documentário, fotografia, videoarte, games...* São Paulo: Editora Hedra, 2009. p. 51-71.